

O VISTO

ANO I, Nº 1

AGOSTO DE 2013

16 PÁGINAS

PAG/16

EXTRAVIO

PAG/3

O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO
E SUA RAINHA

Em 16 de agosto
de 1920, nascia
Charles Bukowski;
em 16 de agosto de
2013, o jornal **O Visto**:
análise internacional,
entretenimento,
poucas páginas e
muita cultura.

ENTREVISTA

FRANCISCO RESEK

PAG/10

CULTURA

PAG/13

NOTÍCIAS RI UFSC

PAG/12

► EDITORIAL

PREFÁCIO (DES)INTERESSANTÍSSIMO

Caro leitor, está fundado O Visto!

Contrário ao que escreveu certa vez um grande autor, este prefácio, apesar de (des)interessante, é útil. Não é interessante porque, antes de tudo, não é nem ao menos um prefácio. Na falta de um nome melhor, escolhi esse para o escrito, por assim dizer, parecer mais galante e mais novo. É, contudo, útil porque aqui, leitor, você ficará sabendo do que trata esse jornal.

Ao leitor atento, poderá parecer, à primeira vista, que este não é um periódico de Relações Internacionais. E adianto que, de fato, não é. O Visto se propõe, antes de tratar de uma área específica, a trazer opiniões e conhecimento acerca do mundo nos domínios político, econômico e cultural, criando um espaço para o debate. Orientado pela Prof. Dra. Patrícia Fonseca Arienti, professora adjunta do Departamento de Economia e Relações Internacionais, a quem agradeço pela confiança no projeto, e viabilizado com recursos do Centro Sócio-Econômico, o jornal é um dos projetos de extensão desenvolvidos pelo curso de RI da UFSC. Aqui, leitor, você encontrará artigos de opinião, resenhas, notícias institucionais e entrevistas.

Ademais, espero que aproveite a leitura.

Poderia ter citado Émile de Girardin. Evitava o Prefácio (des) Interessantíssimo. “Quem faz o jornal não são os redatores; são os leitores.”

Gabriel Piccinini

► SUMÁRIO

O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO E SUA RAINHA

Página 3

O QUE OS BONS POLÍTICOS QUEREM?

Página 4

COBERTURA DE CONFLITOS INTERNACIONAIS E REDES SOCIAIS. A ÓTICA DA PRIMAVERA ÁRABE

Página 7

ENTREVISTA: MINISTRO FRANCISCO REZEK

Página 10

O TEMPO, EU, FRANZ, VOCÊ E O TATUADOR

Página 13

AINDA NÃO DEU CERTO?

Página 14

O JANTAR ERRADO: UMA NARRATIVA DA INVASÃO NAZISTA À ALBÂNIA

Página 15

CORPO EDITORIAL

Amábile Lúcia Fedrizzi (12.1)

amabilelucia@hotmail.com

Bárbara Couto Pilz (11.1)

barbara_pilz@hotmail.com

Carolina N. Santana (11.1)

carolina.ns@live.com

Clarissa Duarte Forte (10.2)

cladufor@hotmail.com

Darlan de Souza Borges (12.2)

darlanbs@hotmail.com

Gabriel Antonio C. Pereira (12.2)

gabriel_antonioc@hotmail.com

Gabriel Piccinini (12.2)

gabrielpiccinini@me.com

Jonatan Carvalho de Borba (12.2)

jcarvalhodeborba@gmail.com

Lucas Cidade Garcez (12.2)

garcezluc@hotmail.com

Luiza del Giúdice (10.1)

luizadelgiudicee@gmail.com

Mariana Serrano Silvério (12.2)

mariana@silverio.net.br

Oswaldo Souza (12.2)

oqsf@hotmail.com

Renato Geraldo Menezes (11.2)

geraldomenezes@hotmail.com

MAPA POLÍTICO

“Um mapa político é a forma gráfica de identificar divisões políticas e administrativas de uma determinada região, aqui, ele serve para acabar com as divisões e juntar visões e pensamentos sobre tudo o que você pensa e acha que deve ser dito e debatido acerca do cenário internacional. O que você pensa?” <ovistoufsc@gmail.com>

O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO E SUA RAINHA

Por Gabriel A. Ceron Pereira

No dia 6 de maio de 2013, a Newsweek, publicação americana das mais influentes do mundo, dedicou uma longa reportagem a quem chamou de “The Queen of The Cowboys”. Trata-se da senadora goiana Kátia Abreu, líder da intitulada “bancada ruralista” do Senado e presidente da Confederação Nacional do Agronegócio. Elogiosa, a matéria apresenta a trajetória da senadora e os desafios e as transformações do setor que ela defende. Com isso, ainda que nós, brasileiros, costumemos olhar com desdém para retratos feitos por estrangeiros – em especial norte-americanos – do Brasil, a reportagem de Mac Margolis para a Newsweek deve fazer-nos refletir sobre o papel ocupado pela atividade agrícola na recente ascensão do Brasil no cenário internacional, a bem sucedida promoção das evoluções técnicas da atividade e as barreiras insistentes que restringem sua expansão.

O campo inseriu o Brasil no mercado internacional, como resultado de um processo já antigo. Nos últimos 35 anos, houve um aumento de 247,13% na produção agrícola, ao passo que a produtividade média do setor saltou 151%, resultados estes responsáveis, juntamente com o recente aumento da demanda por commodities dos mercados emergentes, pela posição de destaque do país no mercado internacional. O momento atual, de maneira emblemática, revela

que o tempo em que ter uma pauta exportadora e um PIB brasileiro dominados por produtos primários era sinal de preocupação passou. Tal mudança de ânimos decorreu de transformações no cenário internacional, como o surgimento de novos mercados consumidores, e no Brasil, como a modernização e diversificação da economia nacional.

Em conjunturas anteriores, em que o centro da economia mundial era representado por um grande produtor de produtos primários – os EUA –, e o Brasil tinha a sua estabilidade macroeconômica dependente das variações de preço do café, ganhou força a tese de Prebish-Singer sobre a tendência de deterioração dos preços dos produtos primários, que, supostamente, estaria associada à falta de dinamismo da demanda por estes produtos no mercado internacional. Economistas como Edmar Bacha atestam a invalidação desta tese por mudanças de conjuntura. Basta avaliar que o pujante aumento de preço das commodities iniciado em 2001, após sofrer um breve intervalo causado pela crise de 2008, voltou a ser sustentado pela rápida recuperação asiática. Somando estas transformações ao aumento crescente da população mundial, e conseqüentemente, da demanda por alimentos, o prospecto da agricultura brasileira é positivo e importante.

Testemunha-se este fato observando o mais novo líder da Organi-

zação Mundial do Comércio, o brasileiro Roberto Azevêdo, declarando: “Não vejo a menor vergonha de o Brasil ser um exportador de commodities e produtos agrícolas. Vergonha seria o contrário (...)”. O contrário, como justamente assinalou o embaixador, seria incompreensível, se observadas as vantagens relativas e absolutas que o Brasil possui no setor. No entanto, nas negociações encabeçadas por Azevêdo ainda como diplomata no âmbito da OMC, tal pujança produtiva do setor parece ainda não refletir em poder político. Ainda que se possa argumentar que a OMC é uma instituição de relevância decrescente, desde a Rodada do Uruguai até a emperrada Rodada de Doha, os interesses brasileiros são eclipsados pela inflexibilidade dos Estados Unidos em acatar os cortes nos subsídios fornecidos ao setor agrícola norte-americano. Não obstante, o próprio Brasil e os demais países emergentes nunca diminuiriam a marcha do suporte governamental massivo ao agronegócio com medidas consideradas “trade-distorting” pela OMC. A esperança dos negociantes brasileiros é que, em longo prazo, o rampante crescimento do agronegócio brasileiro permita que o País possa impor suas demandas sem preocupar-se com suas próprias práticas, como uma boa potência política o faz.

Além dos subsídios, ao analisarmos as relações entre o agronegócio e o governo brasileiro, devemos levar em consideração as instituições públicas federais

▶ MAPA POLÍTICO

e estaduais promovedoras da pesquisa e do desenvolvimento no campo. A Embrapa, que nasceu em 1973 para atender às preocupações de um governo ditatorial com problemas como abastecimento de alimentos e baixa diversificação da pauta exportadora, nas últimas décadas têm ajudado a alçar o país como o maior produtor de soja do mundo. Dentre os seus feitos, a entidade conseguiu tornar o Cerrado brasileiro, antes improdutivo, em uma importante fronteira agricultável, responsável por grande parte da produção de soja brasileira. Com a sua ação, a tecnologia associada à produção agrícola deixou de ser uma característica apenas da produção de países desenvolvidos para tornar-se um instrumento de auxílio a pequenos, médios e grandes agricultores brasileiros no melhor aproveitamento de terras, erradicação de pragas e disseminação de práticas ambientalmente sustentáveis. Ou seja, não faltou uma “revolução verde” ao agronegócio brasileiro.

Agora, o que falta ao setor – e talvez a toda a economia brasileira – é uma segunda revolução: uma revolução infraestrutural. Recentemente, a gigantesca importadora chinesa Sunrise desistiu de comprar 2 milhões de toneladas de soja do Brasil, optando por importar o produto dos argentinos. O motivo foi expresso por um dos gerentes da empresa: “Não adianta nada ter um preço bom se a soja não pode ser entregue. Se a situação do transporte melhorar, nós podemos reconsiderar e voltar a comprar”. Tal episódio reflete um pensamento corrente entre produtores rurais, que dizem que o agronegócio cresceu “da porteira para dentro”. Em outras palavras, se hoje os produtores, em suas fazendas, dominam as mais avançadas técnicas

de colheita e aproveitamento de terra, contando com o auxílio dos já ressaltados órgãos como a Embrapa, fora das fazendas os produtores têm de enfrentar a precariedade da infraestrutura brasileira, que pesa sobre o preço final dos produtos no mercado internacional.

Evidencia-se no Brasil o fato de que a ausência de investimentos em infraestrutura minora os benefícios trazidos pelos ganhos de produtividade “da porteira para dentro”, castrando o potencial do setor de maneira desalentadora. Salta aos olhos as filas de caminhões que se formam nos portos e o desperdício trazido pelos quilômetros de estradas esburacadas que compõem o principal modal de transporte brasileiro. Como uma chance dada ao nosso otimismo, a recentemente aprovada MP dos portos surge como um sopro de eficiência operacional sobre uma área dominada por interesses políticos, aumentando a participação do setor privado no sistema portuário brasileiro. Ademais, uma simples avaliação da infraestrutura norte-americana, que conta com hidrovias eficientes sobre os rios Mississippi e Missouri, construídas há mais de 80 anos e que correspondem a 60% do transporte de grãos do país, reaviva qualquer complexo de vira-lata brasileiro que possa estar adormecido em tempos de autocongratulação governamental.

“Quem é o agronegócio? (...) O agronegócio é mais do que pessoas, ele é uma ideologia.” Proferida na conferência realizada na UFSC “A Política Indigenista sob o Comando do Agronegócio”, a fala expõe a mentalidade de um dos grupos de interesse que se colocam como inimigos do agronegócio: os indigenistas e militantes da “questão indígena”. Questão que,

judicialmente, está resolvida há um bom tempo. No julgamento do caso das terras de Raposa Serra do Sol, a mais alta instância do poder judiciário brasileiro deixou claro: cumprir-se-ia a constituição brasileira, estando, portanto, vedada a ampliação das terras indígenas no país.

No Brasil atual, segundo dados do IBGE, cada índio brasileiro ocupa, em média, 212,16 hectares, enquanto cada produtor rural dispõe de 62,24 hectares – com os quais alimenta o país e representa um superávit de 80 milhões de reais. Não obstante, a Funai, um órgão governamental criado com a função de proteger os índios, age como um grupo paraestatal que ignora as leis através da invasão de propriedades legítimas, produtivas e por vezes escrituradas há mais de um século. A ação da entidade traz insegurança jurídica e medo tanto a grandes quanto a pequenos agricultores que têm suas terras expropriadas não por juízes, mas por antropólogos pagos pela própria Funai, isentos de qualquer fiscalização. Além disso, um mal maior é causado aos próprios índios, também lesados no processo, como comprova uma pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha em que é demonstrado que grande parte dos indígenas, além de estar integrada aos modos de vida do “homem branco”, demanda um maior acesso à saúde, ao emprego e ao saneamento básico – e não a mais terras.

Dentre as demais barreiras impostas ao agronegócio pelas ideologias do “homem branco”, figura também a reforma agrária. De maneira similar à “questão indígena”, já é tornado evidente o fato que o acesso de agricultores sem-terra a condições de vida dignas não se dá através de assentamentos, e sim, através da promoção do acesso

O QUE OS BONS POLÍTICOS QUEREM?

Por Klauber Cristofen Pires

Os bons políticos estão de frente com uma histórica oportunidade favorável de fazerem a verdadeira oposição. Fatos a serem denunciados, há aos montes, bem como uma população - esta que paga a conta - que já declarou não se sentir representada! O que der o primeiro passo se sairá melhor lá na frente!

destes produtores a um trabalho digno e regulamentado. Para isso, o INCRA, antes um antro de radicais reformistas, hoje desenvolve um importante trabalho junto a CNA visando à ampliação de dados cadastrais e cartográficos a respeito das terras agrícolas, facilitando o acesso de trabalhadores ao trabalho com carteira assinada e provendo condições de trabalho aos produtores que vivem em assentamentos antigos, muitos deles hoje transformados em “favelas rurais”. Ademais, ainda que estas novas boas práticas acabem eclipsadas pelo radicalismo de grupos reformistas e indigenistas, qualquer avaliação das querelas do campo deve priorizar aqueles que marcham em direção ao bom senso.

Deste modo, em meio a estes diferentes aspectos do agronegócio brasileiro, Kátia Abreu emerge como um ponto de equilíbrio entre o brio do homem do campo e a voz conciliadora de uma liderança política. Se outrora os interesses do campo no Brasil eram defendidos por coronéis e seus capatazes armados, hoje o campo é defendido com articulação política nos salões do poder. Não obstante, os impasses do setor refletem um país com sérias deficiências institucionais, ineficiência governamental e resquícios de pensamentos anacrônicos mantidos por intelectuais e políticos. Seria o agronegócio brasileiro um setor de primeiro mundo instalado em um país de terceiro mundo?

Uma piada corrente nas redes sociais é a de que a “presidenta” Dilma Rousseff é uma tartaruga num poste. Então você há de perguntar: Ora, mas por quê? E aí vem a resposta: ninguém sabe como ela chegou lá, e ela mesma não sabe o que está fazendo lá, de modo que a única coisa certa a fazer é tirá-la de lá!

Não apoio manifestações de massa pelo motivo sincero de que tenho alergia a multidões. Se eu mesmo não tenho coragem de estar em meio à turba, por que haveria de incitar os outros a dela tomarem parte?

Não obstante, um raio de espontaneidade contagiou o povo naquele dia em que mandou os petralhas e seus partidos quebra-gelos (PSOL, PTSU, PCO e outros afins) enrolarem as suas bandeiras. Foi sincera a declaração da líder do Movimento Passe Livre, Mayara Vivian, de que seu “pacífico movimento”, que foi financiado milionariamente pela Petrobras e que recebeu assistência técnica do PT e até das FARC, foi deturpado por pessoas que traziam reivindicações conservadoras.

Houve um momento, quando eu fiz meu curso de especialização em Direito Tributário, que um professor nos pediu um trabalho de pesquisa que respondesse à seguinte questão: por que o brasileiro resiste a pagar impostos? Ora, eu não tive dúvidas! Para mim a resposta já era clara: os cidadãos resistem a pagar

impostos por causa da absoluta falta de representatividade reinante no sistema político brasileiro.

Por causa da minha resposta, meu trabalho recebeu como nota um mero “regular”; na certa, o professor esperava que eu fosse desenvolver algo na linha do que ele certamente esperava, isto é, uma resposta clichê para uma pergunta pronta, algo assim como que os serviços públicos deveriam melhorar para que o cidadão se sentisse mais satisfeito. Bom, foi a menor nota que eu já tirei na minha vida com o maior orgulho do mundo, ainda mais quando eu sabia das claras tendências esquerdistas do meu mestre.

Quando eu vou a uma lanchonete, eu não resisto a pagar pelo meu sanduíche e meu refrigerante. Opa, em tempo: quando eu vou à lanchonete da minha preferência, pois há aquelas cujo piso nem chegam a receber a impressão da sola do meu sapato. Para aquelas que não frequento, meu dinheiro não flui.

O que estou dizendo é que com meu dinheiro eu exerço escolhas e aprovo bens e serviços. Há alguns deles, inclusive, que reconheço serem caros para os meus padrões pessoais, mas que mesmo assim os contrato com satisfação, porque valorizo o bem-estar que me proporcionam.

No sistema binário impostos-serviços públicos, todavia, não há escolhas. Se eu sonegar impostos,

► MAPA POLÍTICO

provavelmente irei para a cadeia, mas jamais conseguirei colocar na cadeia quem falha ao me servir saúde, educação, e segurança, só para começar.

Particularmente no sistema eleitoral brasileiro, não há absolutamente nenhum elo que ligue a população aos políticos: percebam como, quando a população é ouvida, os resultados são muito diferentes: dois terços da população desaprovaram a proibição do comércio de armas; mais de oitenta por cento é contra o aborto; e a maioria absoluta, com folga, é contrária ao casamento gay.

Ora, para cada empresário que se vale do Bolsa-BNDES, muitos outros se vêem prejudicados pela concorrência desleal derivada deste privilégio e arcam com uma carga tributária extorsiva, tendo às suas portas não uma fila de clientes, mas de fiscais de tudo quanto é órgão criado com as mais belas intenções de tornar a atividade capitalista um crime hediondo.

Assim também, para a classe média, para cada cidadão que logra passar num concurso público, muitos e muitos outros precisam desdobrar-se na iniciativa privada sob condições de trabalho desumanas e com os salários acochados. É incrível a disparidade salarial de um empregado da iniciativa privada, quando comparada com a de qualquer servidor público lotado em uma atividade de complexidade correspondente.

Por fim, para a classe pobre, se o bolsa-família atende a alguns milhões, outras dezenas de milhões se espremem diariamente em trens e ônibus lotados, morrem à míngua nos hospitais públicos, levam seus filhos à escola para aprenderem pornografia e tudo isto por um salário mínimo de fome!

Será que a população que arca

com os custos destes privilégios os aprova sem restrições?

Há, portanto, uma indiscutível maioria da população que está pagando a conta e é esta mesma população que não tem absolutamente nenhum político que a represente!

Está na hora de os bons políticos, especialmente dos Democratas, largarem de mão a opção por serem um apêndice do PT, e passarem a defender os valores da família, da livre iniciativa e da propriedade privada. Fatos favoráveis estão aí aos montes! Porém, diferentemente, não há ninguém que os coloque no alto do poste! Uma iniciativa de si próprios se faz necessária e urgente!

Eu acredito sinceramente que uma candidatura isolada dos Democratas haveria de causar uma grande reviravolta. Ainda me lembro da excelente performance do candidato Índio da Costa, que infelizmente, foi desautorizado e “mentido” pelo candidato José Serra, quando denunciava o Foro de São Paulo!

Não chego a apostar em uma vitória, embora admito que surpresas possam acontecer, mas certamente, haverá um recomeço da identificação de uma verdadeira oposição com o povo que se sente não representado pela classe política atual, e isto seria o início de um movimento crescente!

Aqui seguem algumas pautas que ganhariam a adesão mássica da população: Denúncia do Foro de São Paulo; Legalização e facilitação ao porte de armas aos cidadãos de bem; combate à doutrinação ideológica nas escolas e faculdades; combate ao aborto, à pedofilia e à eutanásia; combate às expropriações promovidas por órgãos de quinta categoria por meros atos administrativos amparados em laudos antropológicos forjados;

desapropriações de terras somente por lei específica e com a devida indenização; combate e denúncia contra o controle da mídia (censura); apoio e valorização da propriedade privada; enxugamento da burocracia; denúncia da política fascista de mancomunação de empresários e governos com atos seletivos de privilégios fiscais e burocráticos; fim dos monopólios de linhas de ônibus urbanos; diminuição da carga tributária; investimentos na logística do setor produtivo, energético e exportador.

A opinião pública já está operando uma virada à direita, e isto aconteceu por causa do trabalho formiguinha dos institutos liberais e conservadores, e de um milhar de blogs como o meu, que desmascaram as urdiduras da mídia tradicional politicamente engajada à esquerda. Os políticos que perceberem isto hoje largarão na frente e pavimentarão as suas carreiras políticas com o asfalto da verdade e da coerência. Falta apenas o primeiro que dê seu passo à frente.

COBERTURA DE CONFLITOS INTERNACIONAIS E REDES SOCIAIS. A ÓTICA DA PRIMAVERA ÁRABE

Por Bárbara Pilz, Bruna C. S. da Silva, Carolina Nascimento e Laís Savoldi

Jornalismo e Relações Internacionais não são áreas tão distintas quanto parecem a um primeiro olhar. Política internacional, informação, difusão dos acontecimentos pelo mundo e influência no comportamento de cada membro da sociedade mundial são apenas alguns exemplos de como o jornalismo já nasce internacional. Conflitos são o cerne da disciplina de R.I. e, em questão de pauta das notícias do cotidiano humano, são uma fonte quase inesgotável de audiência e discussão.

Não se pode mais utilizar as palavras apenas como tal. Qualquer conceito transcende o âmbito da semântica e traz uma reputação própria. As agências de notícia, como também as emissoras, a sociologia, os jornalistas e a ciência política, possuem um vocabulário próprio e interpretações peculiares sobre tudo que é escrito, dito ou fotografado. O poder de influência do discurso, tão salientado pelos pós-modernistas nas Relações Internacionais, se mostra evidente na rotina do jornalismo. Desta maneira, é preciso cuidado. Se cada palavra tem seu próprio “background”, precisamos estabelecer aqui de qual estamos tratando.

A tão conhecida e recente “primavera” já deu nome a outros acontecimentos que se passaram muitos verões antes do levante norte africano. As redes sociais não são apenas terreno de entretenimento e propaganda, já que podem ser peça chave na articulação e ruína de qualquer tipo de movimento civil ou até mesmo governamental. Nós acreditamos que no caso árabe, a internet, campo de diversas cadeias de relações, serviu como um megafone à população que se organizava.

Ao estabelecer esta lógica parece que construímos um romance, no qual o povo descontente une-se e vence a opressão. A conotação emocional que eventos desta magnitude trazem é intensa. Assim, para que nosso raciocínio seja equilibrado (jamais neutro), precisamos estabelecer alguns questionamentos: quais são os principais entraves à utilização das redes sociais como ferramenta de motim, a censura é o vintage para os governos autoritários dos anos 2010? O que tange as maiores divergências da cobertura midiática internacional de eventos desta natureza, a “Al Jazeera” é a oposição? Onde estão as raízes sociológicas das modernas e atualíssimas redes sociais, seriam estas as novas praças públicas de Habermas?

A estas perguntas pretendemos estabelecer minimamente um caminho para reflexão e surgimento de novas indagações. Nosso recorte e análise são superficiais e pontuais, mas prometemos uma intensa combinação de jornalismo e Relações Internacionais.

ORIGEM DO TERMO PRIMAVERA ÁRABE

O primeiro momento em que se utilizou a palavra “primavera” para definir uma revolta de pessoas por progressismo e avanço político foi como “primavera dos povos” e “primavera das nações”, usado por muitos como um termo para as revoluções de 1848 na Europa.

Depois disso, o termo “Primavera de Praga” foi utilizado para se referir ao período entre os meses de janeiro e agosto de 1968, uma época de liberalização política relativa na (então) Tchecoslováquia, antes de os soviéticos invadirem o país e colocarem fim às reformas, substituindo o líder reformista Alexander Dubček com conservador por Gustáv Husák.

De acordo com a revista Foreign Policy (FP), o termo “Primavera Árabe” foi originalmente empregado por comentaristas conservadores norte-americanos, que se referiam a um florescimento de vida curta de movimentos democráticos no Oriente Médio em 2005. Em janeiro de 2011, Marc Lynch, diretor do Institute for Middle East Studies e do The Middle East Studies Program da George Washington University, escreveu o seguinte no blog da FP: “Are we seeing the beginnings of the Obama administration equivalent of the 2005 “Arab Spring”, when the protests in Beirut captured popular attention and driven in part by newly powerful satellite television images inspired popular mobilization across the region that some hoped might finally break through the stagnation of Arab autocracy? Will social media play the role of al-Jazeera this time? Will the outcome be any different?”.

Nos primeiros meses de 2011, o termo já havia sido popularizado nos meios de comunicação, dando nome a série de protestos pró-democracia que estouraram no Oriente Médio, os quais tiveram como estopim a autoimolação de um homem na Tunísia em protesto contra corrupção policial e maus-tratos.

Apesar de sua ampla utilização, muitos intelectuais árabes e ativistas têm se sentido desconfortáveis com o termo. O que não é surpresa, uma vez que remete para a “Primavera

▶ MAPA POLÍTICO

de Praga”, um breve momento de liberdade democrática que acabou sendo esmagada pelos tanques soviéticos. Contudo, para melhor ou pior, ou quem quer que seja que o cunhou pela primeira vez, o termo ganhou força e tornou-se palavra-chave para os acontecimentos no Oriente Médio e Norte da África.

AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO PÚBLICO

Para compreender os efeitos das redes sociais é preciso ter em mente o seu conceito e funcionamento como um espaço de manifestação pública. Rede social é uma estrutura social formada por pessoas ou organizações, conectadas por um ou vários tipos de relações e compartilhando valores e interesses comuns.

Existem diferentes tipos de redes sociais, como as redes profissionais, a exemplo do LinkedIn, redes de relacionamentos como Facebook, Orkut e Twitter, ou mesmo redes comunitárias e redes políticas. O que elas têm em comum é o compartilhamento de informações, conhecimentos, interesses e objetivos comuns. Com a popularização do uso da internet através dessas redes e mídias sociais, o cidadão passa a ser consumidor e produtor da informação. De acordo com a jornalista Juçara Brittes, estes novos fóruns cumprem o papel de esfera pública, pois possibilitam na rede o debate público que favorece a formação da mesma.

Miguel Midões descreve dois momentos importantes do conceito de esfera pública: em um primeiro momento, relacionado à antiguidade grega, a esfera pública é relacionada como virtude cívica, a ideia de Polis como lugar público por excelência, ao exercício da cidadania e da crítica; o segundo está ligado

às perspectivas de Dewey, Blumer e Habermas, nas quais a esfera pública é uma forma emergente de sociabilidade, que aspira ao agir político.

As redes sociais aparecem hoje como uma esfera pública autônoma, moderna um primeiro “tribunal” ao qual o público recorre condenando e disseminando sua opinião mesmo antes que autoridades ou organizações competentes. Fazem parte do universo dos novos meios de comunicação que desafiam a cada dia o jornalismo tradicional com sua alta capacidade de rapidez no diálogo e coletividade na construção de notícias e opiniões. No entanto, isso não significa que fogem da massificação, manipulação de informações. Os novos meios de comunicação, principalmente a internet, são veículos para o discurso livre, para o debate público ultrapassando os limites geográficos, mas isso não significa que conseguem fugir na penetração de interesses particulares.

AS REDES SOCIAIS E A CENSURA

Temos quase certeza de que ao ler o título desta seção uma das primeiras relações que o leitor faz é pensar na China. Apesar de suas leis, regulamentos administrativos e um impressionante número de censores⁴, atuantes desde 1996 em prol de filtrar e delimitar o conteúdo que pode ser acessado online por quem está em seu território, não é característica exclusiva dos governos que assim fazem deliberadamente, impedir o livre acesso a veículos de comunicação que possam ser inconvenientes aos planos e interesses da administração do país.

Liberdade de expressão é um conceito corriqueiramente atrelado às redes sociais, mas restrições

existem, em suas diferentes formas e intensidades, e dizem muito sobre as conotações dadas aos movimentos que delas se utilizam. Enquanto os protestos no mundo árabe, principalmente no Egito, eram exemplo de organização, e os governos destes países eram repreendidos pela opinião pública mundial ao bloquear ou dificultar acesso à internet e telefonia móvel durante as manifestações, poucos meses depois, agosto de 2011, o governo inglês estudava, segundo declarações do primeiro ministro David Cameron, ironicamente dadas pelo Facebook e Twitter, a possibilidade de banir a utilização de redes sociais como o Facebook, o Twitter e, principalmente, o BlackBerry Messenger. Segundo reportagem do The Guardian, entre as principais motivações dos manifestantes estavam reivindicações contra a pobreza, injustiça e um ódio visceral da postura da polícia. Enquanto isso, o primeiro ministro inglês, ao ser perguntado sobre a legitimidade desta possível proibição, declarou-a como necessária, visto que, para ele, era claro que as redes sociais estavam sendo utilizadas como instrumento de maquinação da violência, desordem e criminalidade na Inglaterra. E o “espírito de libertação do povo” se transformou em balbúrdia quando não mais servia aos olhos de quem detém o poder?

Em apenas uma rede social, o Weibo (equivalente chinês ao Twitter), trabalham cerca de quatro (quarto) mil funcionários em função da censura, segundo pesquisa da Universidade de Riche, em Houston, no Texas (EUA), publicada pela Revista Galileu.

Em relação aos protestos ocorridos na Turquia no primeiro semestre de 2013, as redes sociais

também foram foco de tensão. O primeiro ministro Tayyip Endorgan, em declaração (também vinculada pelo The Guardian), definiu o Twitter como uma “ameaça”. O Brasil também é palco de discussões sobre a censura e teorias da conspiração. Alguns casos, como a retirada de uma postagem feita em um perfil sátira da presidente do país pelo Facebook renderam grande indignação dos seguidores e, inclusive, um pedido de desculpas por parte da empresa após a repercussão⁵. É evidente que, apesar de um ambiente de relativa liberdade de comunicação e acesso à informação, a internet também pode ser facilmente manipulada. Escolher e analisar diferentes visões e colocar em prática seu senso crítico é escolha do leitor, mas a suscetibilidade à censura (e manipulação) é eminente. Assim, a tentativa de erradicá-la ainda é uma tarefa mais que atual.

A PRIMAVERA NA AL JAZEERA

Desde sua criação, a Al Jazeera teve como diferencial a liberdade da sua mensagem, dando visibilidade às manifestações do mundo árabe, até então ocultas ou ignoradas pela maior parte da cobertura internacional. A disseminação da emissora pelo mundo teve como marco a divulgação de mensagens de Osama Bin Laden após os atentados de 11 de setembro, aumentando a sua popularidade e cobertura na zona de guerra do Iraque.

Com o início da Primavera Árabe em 2010, a Al Jazeera foi projetada novamente para o centro das atenções. Condecorações como o prêmio da Liberdade de Expressão 2012 pela Fundação Roosevelt, prêmio da escola de jornalismo da Universidade de Columbia

pela cobertura dos protestos e declaração como a de Hillary Clinton sobre a emissora mostrar ao público “real news” demonstraram um reconhecimento dos seus esforços em fornecer notícias de forma imparcial e independente, oferecendo voz a uma diversidade de perspectivas.

Apesar dos seus recursos limitados, a Al Jazeera superou as demais coberturas no início da revolta da Tunísia e, um mês depois, na insurreição no Egito. Segundo o correspondente internacional da Folha de S. Paulo no Teerã Samy Adghirni, a Al Jazeera capitalizava a imagem de primeira TV árabe “independente” e escancarava o terremoto social e geopolítico em curso, superando na internet o tradicional The New York Times.

Apesar de prezar por uma cobertura imparcial, suas reportagens sobre a Primavera Árabe não escondiam a simpatia pelos protestos - e antipatia pelo o que ocorria em países aliados ao Qatar. Por outro lado, enquanto a emissora chamava as forças leais ao regime de “milícias pró-Gaddafi” e a vítimas rebeldes de “mártires”, os protestos em massa contra um regime autoritário no Bahrein no primeiro semestre de 2011 foram recebidos pela omissão da Al Jazeera, não merecendo destaque. O mesmo aconteceu com os protestos xiitas na Arábia Saudita.

O canal, fundado pela monarquia do Qatar, recebeu então uma enxurrada de críticas quanto a sua cobertura em países aliados a esse país. Seu sucesso jornalístico no início da Primavera Árabe foi contrastado com a exibição de sua credibilidade e associações com hipocrisia e alinhamento aos interesses das monarquias sunitas do golfo. Crise interna, pedidos de demissão alegando insatisfação com

a linha editorial adotada, ou mesmo alinhamento cego aos rebeldes islamitas na cobertura da guerra na Síria marcaram a trajetória da emissora nesse período. Para alguns especialistas, essas contradições na cobertura da Primavera Árabe pela Al Jazeera provocaram decepção dos telespectadores. Com sua reputação prejudicada, eles preparam agora uma reconstrução da marca.

O especialista em mídia palestino-americano Jamal Dajani ressalta a importância da Al Jazeera como uma das raras TVs a oferecer, até hoje cobertura extensiva da Primavera Árabe, mas para Dajani “a neutralidade completa é um mito no mundo árabe”.

A LÓGICA DO MEGAFONE

Durante uma entrevista ao portal IJNet6, em fevereiro de 2012, a ex-jornalista da CNN Octavia Nasr declarou que, na Primavera Árabe, as redes sociais forneceram às pessoas, que de outra forma não seriam ouvidas, um megafone que pôde alcançar além das fronteiras e em todos os continentes. Quando lemos esta frase, uma palavra nos chamou a atenção: megafone. A partir disso, elaboramos um esquema, baseado em três perguntas, que nos permitiu entender melhor a importância da mídia social para os levantes do mundo árabe. Os questionamentos são os seguintes: a) quem segurava o megafone, ou seja, quem estava reclamando, trocando ideias, compartilhando fotos e vídeos na internet e se reunidos nas praças?; b) como os correspondentes internacionais e demais jornalistas utilizavam as informações que saíam através do megafone, ou seja, as informações que eram compartilhadas nas redes sociais? e c) como as redes sociais e a Primavera Árabe influenciaram

▶ MAPA POLÍTICO

o jornalismo? Bem, a primeira pergunta é fácil de responder. A maioria dos manifestantes era jovens que, depois de muitos anos, decidiram tornar público o seu descontentamento com o autoritarismo, como também a necessidade de liberdade e direitos sociais. Eles também questionavam o modelo de governo, centralizador e antidemocrático, e pregavam o combate à corrupção e a alta dos preços dos alimentos. É importante lembrar que todos esses questionamentos foram gerados durante anos – não eram anseios que surgiram precisamente em 2011. O que mudou foi; com as mídias sociais, essas informações puderam ser finalmente compartilhadas e tudo o que estava ocorrendo no mundo árabe conseguiu chegar aos olhos e ouvidos dos meios de comunicação ocidentais. Como disse Nasr, “a mídia social e o jornalismo cidadão os impulsionou [os ativistas] e tornou quase

impossível para a grande mídia ignorar”. Para responder o segundo questionamento, analisamos a partir de uma entrevista concedida para a revista Super Interessante em setembro de 2017 e de uma notícia⁸ sobre a sua participação no 7º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, em 2012, o trabalho do estrategista de comunicação da National Public Radio (NPR), dos EUA, Andy Carvin. Ele, que também é escritor, blogueiro e fotógrafo, declarou que “o Twitter é a minha redação e os meus funcionários são os meus seguidores”. Para Carvin, é possível sim fazer reportagens e cobrir eventos através da internet, mas elas só fazem sentido se houver pessoas no campo para mostrar o que está acontecendo – e é aí que entram as pessoas normais, usuários de redes sociais, mas que não possuem formação alguma em jornalismo. O blogueiros defende também que nem toda informação

precisa ser passada de maneira tradicional, mas salienta que ainda há muita resistência por parte de repórteres e editores quando se sugere a cobertura de um evento a partir do Facebook ou do Twitter.

No último mês de junho, durante as manifestações que tomaram as ruas de inúmeras cidades do nosso país, os jornalistas brasileiros viram com os próprios olhos que as redes sociais são sim uma excelente fonte de informações. Assim, é cada vez mais claro que os internautas e as coisas que eles compartilham em seus perfis das redes sociais estão mudando a maneira de se fazer jornalismo. Hoje, o jornalismo móvel já não tem mais a ver apenas com divulgar notícias e imagens por meio de aplicativos, para que as pessoas possam acessar esse conteúdo de qualquer lugar - o futuro é envolver o público, torna-lo um personagem ativo na construção da notícia.

CONTROLE DE PASSAPORTE

“Para entrar ou sair de um país ele é imprescindível, a entrevista é uma forma de saber o que gente de fora pode falar de útil pra gente daqui, e que nós quiçá nem sequer imaginávamos antes. Quem você quer que passe pelo nosso controle?” <ovistoufsc@gmail.com>

ENTREVISTA: MINISTRO FRANCISCO REZEK



Sr. Ministro, em uma entrevista dada pelo senhor à Revista Jurídica Consulex em 2010, o senhor foi perguntado sobre a questão palestina-israel. Naquela ocasião, o senhor apontou dois motivos para a não resolução jurídica deste impasse: o fato da Palestina não ser reconhecida formalmente como um Estado, e o fato de Israel não reconhecer a jurisdição da Corte de Haia, principalmente nas questões de segurança. Sr. Ministro, o que, e como, impacta o reconhecimento da Palestina como um Estado observador não membro por parte da ONU em 2012, dado que não se dá na ONU o reconhecimento de um estado, mas sim, através de reconhecimento unilateral dos demais estados? Seria

essa uma luz no fim do túnel para este impasse, ou somente uma simples mudança nominal?

A questão Palestina, por sua antiguidade que hoje ultrapassa sessenta anos, é ou deveria ser o maior tormento na consciência da sociedade internacional. Todos sabemos que nesse contexto os Estados Unidos (mesmo sob Barack Obama, ou seja, mesmo depois de superada a tragédia que foi a administração de George W. Bush) não têm qualidade, por razões óbvias, para ser o árbitro no confronto entre os palestinos e o Estado de Israel, e nem mesmo para cooperar eficazmente com os esforços coletivos para que se chegue, um dia, à celebração de uma paz justa e definitiva. Outros países atuam nesse sentido com alguma isenção e boa vontade, mas de modo vagaroso e tímido. Não vejo até agora, infelizmente, nada além de escuridão nesse túnel interminável.

Como o senhor, que ocupava o Ministério das Relações Exteriores quando o Brasil assinou o Tratado de Assunção, vê a atual situação do Mercosul frente aos recentes episódios do impeachment no Paraguai, da adesão da Venezuela ao bloco e da ascensão da Aliança do Pacífico?

Sou o único sobrevivente dentre os quatro chanceleres que firmaram o Tratado de Assunção. Era nosso empenho não produzir grandes esperanças, nem onerar as quatro nações com aparatos dispendiosos (o Mercosul nasceu sem base física, sem recursos humanos próprios, sem personalidade jurídica...), e sabíamos desde o início que o processo de integração poderia ser lento. Mas o fato deplorável que

foi agora a “suspensão” ilegal do Paraguai, para que se acomodasse o ingresso da Venezuela, revela quanto o projeto pode ser perturbado e contaminado pelos rompantes de uma política externa marcada pela tropelia – e que, no Brasil de hoje, não sabemos exatamente quem conduz. Um dia veremos, de todo modo, como isso acaba.

O senhor, em algumas ocasiões, se mostrou um grande crítico da tibieza com que o Direito Internacional, através do Tribunal de Haia, condena crimes de guerra perpetrados por grandes potências, eminentemente os Estados Unidos. Como o presidente Obama, com sua política de ataques de Drones no Oriente Médio e os recentes ataques a liberdade individual no âmbito interno se situa na história do ativismo do governo americano como grande potência?

Depois de Jimmy Carter, Barack Obama destaca-se como a maior esperança de reconciliação entre os Estados Unidos e o direito internacional, e a ideia mesma do primado do direito. Mas seria cínico ignorar as limitações que pesam sobre o presidente daquela grande nação, e das quais ele não tem como escapar. Em todo caso, ao contrário de seu antecessor imediato, pivô da psicose coletiva que se abateu sobre a sociedade americana no início do século, Obama procura, a cada passo, recompor aquela sociedade no que ela tem de melhor, devolvê-la ao ideário dos seus fundadores, ao sonho dos seus mais lúcidos estadistas do passado. Penso que até o final de seu segundo mandato ele terá conseguido algum sucesso.

O jurista Luís Roberto Barroso, indicado como o novo ministro do STF, atuou no caso que em que

o senhor qualificou como uma “página sombria da história dos três poderes”, da recusa à extradição e a libertação de Cesare Battisti. O que o senhor pensa sobre a presença de um notório ativista do Direito na mais alta instância do poder Judiciário?

Barroso é um dos mais brilhantes publicistas do Brasil do nosso tempo. No caso da extradição Battisti ele era o advogado de defesa do extraditando, e o que ele fez foi honrar seu mandato com um talento excepcional. Se Cesare Battisti fosse um homem carente dos patrocínios que sempre teve no Brasil, se se declarasse indefeso no processo, o presidente do Supremo poderia, por exemplo, ter-me nomeado defensor dativo. Eu nem poderia recusar esse encargo pro bono, nem faltar ao meu dever, enquanto defensor, de livrá-lo da extradição. E teria feito exatamente o que fez o advogado Barroso, conseguindo, em favor do extraditando, que o Supremo (por maioria difícil) “cedesse” ao presidente da República uma competência que a Constituição dá a ele, Supremo, com incontornável exclusividade... E conseguindo, mais tarde, diante da revisão e reforma da decisão do Supremo por Lula, que o tribunal, de novo por maioria, e desta vez ignorando a Constituição e o Tratado bilateral que nos vincula à Itália, condescendesse com a afronta ao direito e a usurpação de seu poder constitucional, vendo naquilo um “ato de soberania”... Esse foi sem dúvida, e não por culpa do próprio Battisti, o episódio mais vexaminoso da história do Supremo Tribunal Federal. Mas foi, na história profissional do professor Barroso, uma lição de glória.

O senhor, em 2007, denunciou em uma audiência pública o risco

► CONTROLE DE PASSAPORTE

posto a soberania do país pela Declaração dos Direitos Indígenas da ONU e, mais tarde, atuou como advogado do Estado de Roraima no caso Raposa/Serra do Sol; como o senhor vê a atual situação da questão indígena no país com a recente?

No Ministério Público Federal, e depois no Supremo, e mesmo no Governo, quando da demarcação das terras ianomâmis em 1991,

sempre estive entre os mais firmes defensores dos direitos territoriais das comunidades indígenas do Brasil. São fatos notórios, que a crônica das diversas instituições registra, que os estudiosos do assunto recordam e citam, e que não preciso voltar a demonstrar. Em Raposa-Serra do Sol, contudo, atuei em nome do estado de Roraima, ultrajado pelo desprezo com que o governo federal o tratou ao consentir em que a Funai conduzisse o processo

demarcatório com a leviandade com que o fez, sob a influência de ativistas cuja face e cujos propósitos nunca se identificaram com clareza. Creio que as lições aprendidas pelo governo federal em Raposa-Serra do Sol, depois da demarcação e da decisão do Supremo, e ante o cenário que lá se desenhou nos últimos anos, ajudarão a evitar o cometimento dos mesmos erros em outros pontos do país.

PONTE AÉREA

“É uma rota conhecida, mas a rotina pode nos fazer esquecer de olhar ao redor para conhecer e saber como interferir no que acontece tão próximo de nós. Sobre o que você quer saber mais?” <ovistoufsc@gmail.com>

TERCEIRO SIEM

Aconteceu no dia 4 de Maio de 2013, no Auditório Garapuvu do Centro de Cultura e Eventos da UFSC, o III SIEM, Simulações Internacionais para o Ensino Médio.

No evento, organizado pelos alunos de Relações Internacionais da UFSC, foram abordadas questões atuais do cenário político global. Durante a manhã, a adesão de Taiwan à ONU foi debatida, em uma simulação da Assembleia Geral da organização. À tarde, o assunto tratado foi a aplicação ou não de sanções ao governo sírio de Bashar al-Assad, ao mesmo tempo que se discutia sobre Direitos Humanos no Irã, em uma simulação do Conselho de Segurança da ONU.

A cobertura da mídia, através da transmissão de informações em tempo real do evento, também foi feita pelos alunos. Cerca de 80 Estados estavam representados, divididos em 11 escolas de Ensino Médio de Florianópolis, além da participação dos alunos da 1ª fase



do curso de Relações Internacionais da UFSC.

Os alunos da primeira fase de RI na UFSC, Gabriel Oppa e Bárbara Sbeghen, o professor do Autonomia e Colégio da Lagoa, João Marcos Barreiros Joaquim, e a diretora do Geração, Tahiana Brittes, destacam a dedicação e o interesse dos participantes para o evento. Gabriel e Bárbara afirmam que a preparação foi executada

com reuniões em grupo e auxílio de alunos das fases posteriores de RI. Eles acreditam que o evento proporciona aplicação prática do conteúdo ensinado. João Marcos, que leciona Geografia e Atualidades, cita que a preparação foi feita através de pesquisa e seminários para determinar um plano de ação para o SIEM. Ele também acredita que a simulação permite aos seus alunos a possibilidade de conhecer

o curso de Relações Internacionais, ainda desconhecido de alguns. Em suas aulas, as questões referentes a RI são abordadas na geopolítica, globalização e assuntos econômicos, o que também acontece, segundo Tahiana, no Geração para a compreensão dos posicionamentos e relações entre as nações.

As questões foram resolvidas com amplo debate e contribuição democrática de todos os participantes. Bom seria se esse consenso fosse frequente também nas reais relações entre todas as nações.

SEMANARI

No ano passado, a Semana Acadêmica de Relações Internacionais (SEMANARI) da UFSC discutiu as perspectivas das relações internacionais entre os países em desenvolvimento, as chamadas relações Sul-Sul. Já evento deste ano, que acontece nos dias 3, 4, 5 e 6 de setembro, abordará o tema Brasil Contemporâneo: Estratégias e Políticas Internacionais.

Trabalhos sobre a temática puderam ser enviados até o dia 15 de agosto para apresentação durante a SEMANARI e possível publicação na revista acadêmica (RARI). Também durante a Semana, acontecerá o concurso de fotografia A Cara do Brasil, uma parceria com o projeto RI é uma Arte, do Centro Acadêmico (CARI), que propõe mostrar imagens do espírito nacional brasileiro.

Para a participação na SEMANARI, é necessária a inscrição, aberta até dia 29 de agosto, no endereço semanari.wordpress.com. Mais informações também podem ser encontradas nos endereços semanari.UFSC.br e facebook.com/ufscsemanari. A cobertura você acompanha na edição de setembro de O Visto..

SEMANA DOS DIREITOS HUMANOS

No mês de Junho, ocorreu a 4ª Semana de Direitos Humanos, organizada pelo Observatório de Direitos Humanos da UFSC. O evento, que teve como tema central a Construção da Paz e a Segurança Internacional, contou com palestras sobre conflitos armados e intervenções humanitárias, tráfico de pessoas, o paradigma americano referente à justiça internacional, entre outros assuntos, através de painéis, palestras e oficinas. Minicursos também foram ministrados sobre o Brasil e as Missões de Paz e a relação de empresas com os Direitos Humanos. O evento também contou com exposição fotográfica, apresentada no hall do Centro Sócio-Econômico e da Biblioteca Central.

BAGAGEM DE MÃO

“A bagagem que não é despachada e pode ser mexida a qualquer momento. Tem vezes que só percebemos o tanto de coisas que levamos na bagagem de mão quando já voltamos pra casa. O que você leva com você?” <ovistoufsc@gmail.com>

O TEMPO, EU, FRANZ, VOCÊ E O TATUADOR por Gregório Furtado Swiech

Tinha piscina, quadra de tênis, quartos, refeitórios, ginásios, lavanderia e até uma sala de jogos. Era um espaço amplo e limpo. Era melhor que a minha casa. Mas era um espaço triste e sujo, de miséria humana. E era uma terça-feira, eu, meu mau humor, Franz, e a penitenciária de Salamanca. E então se fez o pesadelo, e amigos, me deparei com o que escolhi para a minha vida, e sinto-lhes dizer, já que escrevo para uma revista de direito, o que escolhemos. Explico-me. Entretinha-me à época, com a linguagem desse angustiado e angustiante judeu tcheco, num livro não muito usual, se comparado ao clássico o processo, que se chama na colônia Penal. E começava assim, como o romance de Kafka, tranquilo, calmo demais. Entrei pelo grande portão principal e fui atendido pelo carcereiro, que nada tem a ver com a figura que guardamos na nossa memória, de um carcereiro, e que Kafka chamaria de funcionário, mas eu chamo de carcereiro, porque é um carcereiro e não vou enganar a vocês como ele me engana, com um modo de falar suave, que esconde a pior das intenções, era um carcereiro porque não deixava ninguém livre e Esse usava terno, e usava gravata. E começou a me falar que essa era uma penitenciária humanizada, com garantias, e que tudo funcionava na mais estrita legalidade. E de fato ocorria. E tudo ia muito bem. Estava em um corredor muito grande, branco, tinha cheiro de álcool, e o carcereiro andava e conversava. Até que, subitamente, havia pessoas, presos, estavam presos lá, estavam em seu momento de lazer, jogando futebol, e jogavam bem, corriam, mas havia uma tristeza em seus movimentos, e ele me olhou e falou, o que está acontecendo, eu respondi, não sei, não sei o que está acontecendo, mas é tão estranho, eles estão aqui faz quanto tempo, o tempo que merecem senhor, mas o que, quanto exatamente, isso depende senhor, não precisa me chamar de senhor, tenho

► BAGAGEM DE MÃO

20 anos, não me importo, te chamo como quero, escolha um, menino, qual você quer, pra quê, para saber quanto tempo está aqui, não é isso que você quer, não é tudo a mesma coisa, alguns mais, outros menos, mas todos aqui estão presos, menos eu e você, eu, você e os funcionários, ah sim, e olhava praquela gravata com péssimo nó, enquanto pensava em qual iria escolher, e falei, aquele tatuado, qual, aquele de camiseta do Barcelona, ah esse, deixa eu ver... Ah, vai ficar mais 14 anos aqui, e falou com uma naturalidade, e eu engoli no seco, 14 anos... Sim, catorze anos, esse vai jogar muito futebol ainda, tráfico de drogas internacional, vou chamá-lo aqui, ele é dócil, não, não precisa, sim, vou chamá-lo, não, não senhor, está com medo, não, não, ei, ei, Miguel, sim, venha cá, este menino do Brasil quer te conhecer, gostou

da sua camiseta do Barça, sim gostei muito, gosto muito do Messi também, é mesmo, joga como ele, sim, joga muito bem, ok pode voltar Miguel, e em Kafka era exatamente isso que acontecia, entrava o preso, e entrava o funcionário, e entrava o visitante, e este começava a tatuar na pele o tipo penal, e conversava sobre tudo, e era tudo mostrado com naturalidade, e o tipo penal tava ali, sendo escrito, e eles conversavam sobre outra coisa, e essa era aparentemente a pena, apenas escrever o tipo penal, só que isso demorava, e a conversa ia e voltava, os assuntos acabavam, e a tatuagem ficava ali, sendo arranhada, e começava a rangir a pele, e entrar na carne, e a conversa continuava, e a linguagem era a mesma, tudo calmo, e então começavam os gritos, e o terror, e a indignação, e a furadeira agora

marcava o tipo penal até a morte, até o osso, e tudo se resumia a isso. E em Kafka era o corpo, e aqui era o tempo, lá era uma conversa, uma furadeira, no começo uma agulha, depois uma furadeira, e aqui era uma conversa, um, futebol, e o tempo, aí a natação, aí o lanche, aí a prisão, aí a grade, aí 14 anos, lá matavam com mais hombridade, o tempo meus amigos, isso não é evolução nenhuma, na verdade é, mas hoje o principal valor, o tempo, é o que tiramos, e vamos ser todos carcereiros, um mais, outros menos, mas vamos mandar gente pra cadeia, vamos brincar com o tempo dos outros, e não adianta largar a faculdade, fugir, porque alguém vai ser carcereiro, e sempre vão existir, e vamos deixar todos presos, eu quero ir embora senhor, espere, ainda temos o lanche, o futebol, até fazem tatuagem aqui..

AINDA NÃO DEU CERTO? por Amabile Lucia

“Povo novo, em fazimento”. Assim é o Brasil de O povo brasileiro de Darcy Ribeiro. Um povo que, segundo ele, carrega um desafio bem diferente: o de reinventar o humano num novo gênero de gentes. Construimos uma civilização tropical e mestiça, orgulhosa de si mesma. E formados em uma etnia nacional única que, apesar das diversidades regionais e culturais, se enxerga como uma só gente. Somos esse povo em fazimento, orgulhosos, ou ainda, inertes, já feitos, mal e parcamente? Ou quem sabe, nós, povo brasileiro, estamos sempre prestes a dar certo. Sempre vividos em surtos, que quase dá certo, que quase fica pronto. Em uma luta em que tudo vale, mas não se desiste nunca.

E por que essa sensação de que o Brasil não deu certo ainda? Com tanto potencial econômico, com tantos recursos disponíveis em solo brasileiro, por que parece tão difícil para esse país seguir os trilhos do desenvolvimento, a fim de deixar para trás a desigualdade e a falta de representação dos interesses do povo? A resposta torna-se simples ao utilizar a ideia e reflexão de Darcy Ribeiro. O povo brasileiro nunca existiu para si mesmo: des-

de o princípio foi arquitetado para suprir os interesses e necessidades alheias, onde a força de trabalho escrava servia a propósitos mercantis externos. O que se observa, ainda hoje, é uma evolução dessa função prestada pelo Brasil. É um país que parece não ouvir a voz de seu povo, e que parece apavorado com a mesma. O fato de não dar certo é mais bem entendido ao ver que o nosso querido país é, como Darcy mesmo diz, um moinho de gastar gente.

Ou seja, para construir nosso país, quantas vidas indígenas foram desperdiçadas, quantos negros tiveram o mesmo fim, e ainda hoje, quantos mestiços brasileiros têm esse destino? E tudo isso para manter os lucros e regalias às classes empresariais. É a consequência da hegemonia de uma elite retrógrada instalada no Brasil desde sempre, que busca somente suprir interesses próprios e cala a voz de seu povo.

Nessa construção suada e manchada de sangue, índios, negros, mestiços, todos brasileiros, todos jogados e deixados nesse moinho de gente que é esse páis-nação formam a nova Roma. Uma Roma latino-americana. Uma Roma que professa e congrega numa só identidade todas as etnias que por ela sofrem e por ela são acolhidas. E para Darcy, uma Roma tropical. De sangue negro e indígena. Mais

alegre que Roma porque sofre mais, e melhor porque tem mais humanidade. Mais generosa, pois permite a interação cultural e racial e porque está assentada na província mais bela da Terra.

Surge um fio de esperança ao ver essa civilização mestiça e tropical juntar forças para ocupar as ruas, em busca de repostas e soluções para um Brasil, que aos olhos de seu povo, está longe de dar certo. Esse breve despertar, impulsionado por décadas de impunidade e descaso na política brasileira, é apenas um pequeno passo diante de tudo que

ainda deve ser feito para a melhoria do país. A consciência política que se criou na população brasileira é o ponto chave de um povo capaz de fazer o Brasil dar certo. Um povo em si mesmo, que briga nesse moinho de gente para se conhecer e ter consciência de si e poder, livremente, exercer suas potencialidades

Os porquês desse “ainda não dar certo”, Darcy explana em seu texto, com a pergunta sempre em mente. Segundo ele, mesmo sendo muitas as razões, o que consome o povo e alimenta esse atraso é a ordenação social desse vasto país-

nação. Uma ordenação contra uma gente sangrada pelos interesses que não os seus; contra uma gente que não manda nem desmanda em seu destino; contra uma gente que não vê e não viu seu povo livre. Mesmo assim, há esperança? Com uma ordem social que esmaga o que a ameaça, que permite que esse “dar certo” não chegue, que transforma tudo em um surto, em um quase ser, em um quase bom, em um quase final?

O JANTAR ERRADO: UMA NARRATIVA DA INVASÃO NAZISTA À ALBÂNIA

por Luciane Britos

Em 16 de setembro de 1943, a pequena Girokastra, ao Sul da Albânia, dividida entre comunistas, nacionalistas e monarquistas, se vê tomada pelas tropas do Terceiro Reich. Lá mora o doutor Gurameto, por acaso amigo de faculdade do coronel alemão Fritz von Schwabe, o incumbido da ocupação. O médico logo se vê obrigado a oferecer ao coronel e seus comandados uma recepção em sua casa.

O reencontro é marcado por lembranças juvenis entre os amigos e o pedido do anfitrião de libertação de 80 girokastrenses, sentenciados à execução sumária por atacarem o Exército em sua chegada à cidade. O grupo é liberado e a população, como de praxe, não para de sussurrar: Gurameto é um traidor ou um herói? Como convenceu von Schwabe? Como reagiu o coronel alemão ao pedido de soltura?

Os boatos e mistérios desencadeados pelo jantar são pano de fundo para a política europeia durante a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria. Em Girokastra, a dominação italiana antecede à alemã, que, por sua vez,

é sucedida pela russa. Mais ainda: essa cidade balcânica, dominada durante séculos pelos otomanos – percebidos na arquitetura típica – é vizinha dos gregos, e por isso está em constante alerta.

Sob dominação comunista, anos mais tarde, o evento em questão traria inesperadas e fatais consequências para o anfitrião. Gurameto é interrogado e torturado por agentes ávidos de uma confissão de uma tentativa de assassinato de Stálin e dos principais quadros do Partido Comunista, episódio conhecido por “conspiração dos médicos” ou “complô dos aventais brancos”. Com a morte de Stálin, revela-se que a trama tinha sido fabricada.

Enquanto relata situações cotidianas e locais, Kadaré revive antigas histórias albanesas, lendas e cantigas populares. Seu texto é permeado de elementos fantásticos e sombrios, até um ponto em que sua imaginação, os fatos e a conjuntura internacional já não são distinguíveis. O autor cria, em meio à paranoia e crueldade que vive a Albânia, um universo bastante pessoal e extraordinário.

Bernardo Joffily fornece uma excelente tradução, do idioma original, ainda que o leitor sinta falta de algumas notas de rodapé, especialmente sobre o kanun, o conjunto de leis tradicionais albanesas, e de referências históricas e geográficas.

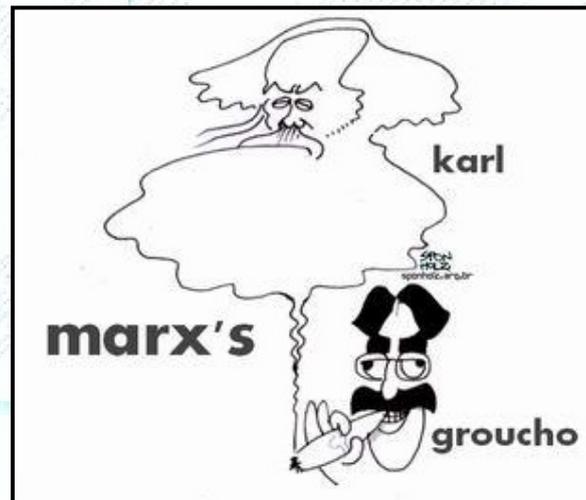
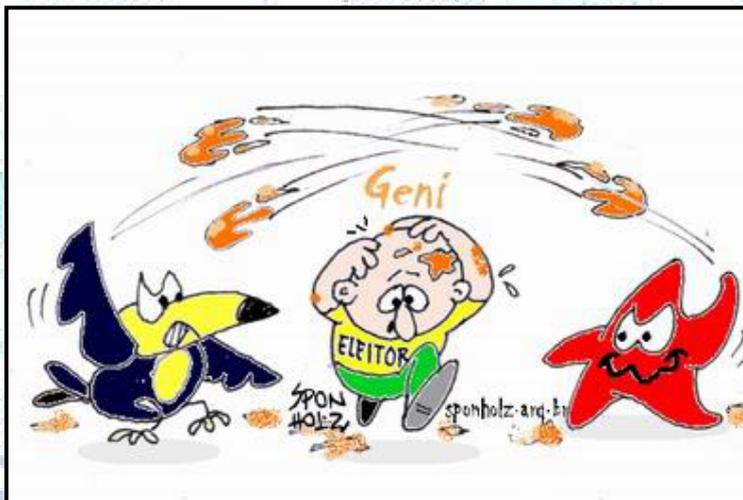
Sobre o autor

Kadaré nasceu em 1936. Lança-se como escritor com o romance “O general do exército morto”, em 1967, sobre a ordem de um general italiano de buscar os restos mortais de seus compatriotas na Albânia. “Abril despedaçado”, sobre o ferrenho código de leis que rege a vida dos montanheses albaneses, serviu de inspiração para Walter Salles no filme homônimo. É de 2009 a publicação de “O Jantar Errado”.

Informações sobre o livro

“O Jantar Errado”, Ismail Kadaré, Companhia das Letras, 168 páginas.

EXTRAVIO



Roque Sponholz é arquiteto e urbanista formado na Universidade Federal do Paraná, e atualmente leciona planejamento urbano e desenho técnico na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Dedicar-se a charge lançando um olhar agudo sobre a política brasileira e internacional. (<http://www.sponholz.arq.br>)

CLASSIFICADOS

QUITINETE EM CASA DE FAMÍLIA

Veja bem pois não é brincadeira, a casa é de família! Tem acesso independente, internet banda larga e é próximo a beira da lagoa. O detalhe é que eles preferem uma moça não fumante. Pra morar na beira da lagoa, sério? **Gostou? Liga pra eles: (48) 9639-2171 (Tim) e 84211566 (Oi)**

QUEREMOS UMA MULHER

Isso mesmo, o quarto é só para meninas. E além do pré-requisito de gênero você tem que ser organizada e não fumante, precisa ter experiência?. Por 700 mil mensais (inclusos aí aluguel, condomínio, água, gás central e luz), o quarto fica em um apartamento de dois quartos na Trindade, quase todo mobiliado, a não ser pelo quarto em questão. O condomínio fica a uns 15 minutos da UFSC perto do shopping, farmácia e até da fila do RU. **Só que é pra entrar imediatamente então corram para: fabieckert@gmail.com ou (47) 9617-0008.**

MORAR SOZINHO

A cara da riqueza com preço UFSC. Por mil reais mais encargos (condomínio aproximadamente R\$ 350,00) você pode morar sozinho no Centro de Floripa e ainda ter vista para as pontes. O apartamento tem um quarto, banheiro equipado e até área de serviço, garagem, muito sol e 24h

de portaria. **O melhor de tudo é até sua tia da Bahia pode ser fiadora, eles aceitam tudo! Liga lá: (48) 9672-0403 (Tim)**

PÉ DA SERRA(INHA)

Mesmo sem o charme do ponto alto do morro mais amado pelos ufsquianos, este apartamento, que fica na parte baixa do mesmo, é bom, bem bom. Tem portaria 24h e até uma garagem livre! Os valores são esses aí: Aluguel já bonificado R\$ 1.180,00/ Condomínio aprox. R\$ 260,00/ IPTU mensal 2013 R\$ 28,40. **Além do fato do fiador poder ser de qualquer lugar, eles aceitam outras formas de garantia. Se a operadora permitir ligue: (48) 9672-0403 (Tim)**

MACBOOK AIR 13"

O cara comprou em março desse ano, mas ao invés de ficar arrumando fotos e olhando o Facebook ele quer montar um long board novo, aí desistiu do Macbook. Boa escolha rapaz! Especificações: 128 Hd Ssd 4gb Ram (semi-novo) (R\$ 3.200,00). Tela brilhante widescreen de 13,3 polegadas (diagonal) retroiluminada por LED e suporte a milhões de cores 128GB de armazenamento em flash. Intel Core i5 dual core, 1,8GHz (Turbo Boost até 2,8GHz) e com 3MB de cache L3 compartilhado, 4GB de memória DDR3L, 1600MHz, embarcada, Processador gráfico Intel HD 4000, Câmera FaceTime HD, 720p.

QUARTO E BANHEIRO

Eles tem uma vaga pra menina em um quarto (com banheiro só seu heim) em um apartamento na Lauro Linhares, na frente do TITRI só por R\$ 500,00 mais as despesas (cerca de R\$ 60,00), acredita? Não? **Então liga lá (48) 9988-1524 ou (48) 9902-9497**

ADQUIRA JÁ A SUA TEKPIX

Nada de dez mil parcelas e dois mil brindes mas não é brincadeira, o cara comprou mas não quer mais (?) e agora tá vendendo aí, colocou o carregador de pilhas e tal... Segundo ele, usada poucas vezes. Veja, o carregador é da Rayovac e vem com pilhas. Tudo isso por apenas R\$ 150,00. **Fala com ele: dwnnia_jipa@hotmail.com**

NO ACONCHEGO DE UMA KITNET

Próxima da UFSC e toda mobilidade por R\$ 650,00 (água e luz inclusos, pra uma pessoa só!) Fica na Rua Deputado Antonio Edu Vieira, 268 casa 45 – Pantanal. Fica pros lados do Armazém Vieira. Fala com a Ane: (48)9981-6148

Onde nós achamos tudo isso aí? Nosso parceiro Federal SC que achou pra gente, entra lá que tem muito mais: www.federalsc.com.br. Tem algo pra vender, quer comprar algo ou alguém? Pode enviar! ovistoufsc@gmail.com